

INVESTIGAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NO VALE DO TAQUARI, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

ARCHAEOLOGICAL RESEARCH IN THE TAQUARI VALLEY, RIO GRANDE DO SUL, BRAZIL

Fernanda Schneider¹

fernandaschneider@univates.br

Marcos Rogério Kreutz²

mrk@universo.univates.br

Neli Galarce Machado³

ngalarce@univates.br

Sidnei Wolf¹

sidneiw87@hotmail.com

139

RESUMO

Este artigo apresenta dados sobre os dezesseis anos de pesquisa intensiva e sistemática em terras do centro-leste do Rio Grande do Sul. As intervenções arqueológicas demonstraram que a região foi ocupada de forma diversa durante o período pré-colonial, apresentando vestígios de populações caçadoras e coletoras, Jê Meridionais e Guarani. Esses resultados proporcionaram a interpretação dos processos e dinâmicas de ocupação humana do Vale do Taquari. Ressalta-se, ainda, que tais interpretações seguem em andamento, apresentando-se relevantes para o entendimento do panorama arqueológico nacional e para a formação de uma concepção democrática de história regional.

Palavras chave: Sítios pré-coloniais. Sítios coloniais. Vale do Taquari.

ABSTRACT

¹ Discentes, Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento, UNIVATES.

² Discente, Programa de Pós-Graduação em Ensino, UNIVATES.

³ Docente, Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento, UNIVATES.

This paper presents data about sixteen years of intense and systematic research in the east central territory of Rio Grande do Sul. The archaeological interventions demonstrated that the region was occupied in diverse ways during the pre-colonial period, presenting records from populations of hunter-gatherers, Southern Jê and the Guarani people. These results enabled the interpretation of the processes and human occupation dynamics of the Taquari Valley. Furthermore, it is highlighted that this is an ongoing analysis, presenting relevant information for understanding the national archaeological panorama and consolidating a democratic conception of the regional history.

Keywords: Pre-colonial sites. Colonial sites. Taquari Valley.

ANTECEDENTES DA PESQUISA

Os primeiros trabalhos arqueológicos realizados no Vale do Taquari datam da década de 1960. Em pelo menos três ocasiões durante essa década arqueólogos realizaram caminhamentos e prospecções superficiais na região, identificando a potencialidade de pesquisas arqueológicas nas áreas abordadas. Depois disso a temática arqueológica regressou para a região apenas no final da década de 1980, quando o Instituto Histórico e Geográfico do Vale do Taquari, juntamente com o Departamento de Ciências Exatas e Biológicas da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Alto Taquari – FECLAT, vinculado à Fundação Alto Taquari de Ensino Superior – FATES (hoje atual UNIVATES), promoveu um curso de Arqueologia ministrado pelo professor Pedro A. Mentz Ribeiro.

Da realização desse evento até o início do século XXI não se registraram atividades arqueológicas na região. Tal quadro modificou-se a partir do ano 2000, momento em que se iniciaram as pesquisas acadêmicas e sistemáticas no Vale do Taquari. Nesse momento, impulsionado pela instalação da Graduação de História

na UNIVATES, criou-se o Setor de Arqueologia, mantendo-se localizado, até o presente momento, junto ao Museu de Ciências Naturais da Instituição.

Além da sistematização das pesquisas, o estabelecimento do Setor de Arqueologia trouxe uma latente preocupação em relação à interpretação dos processos de ocupação humana pré-colonial na região – especialmente porque tal tema era negligenciado nos meios de conhecimento local – assim como sobre o processo de contato interétnico e os processos históricos coloniais. Apresentando uma abordagem interdisciplinar, as interpretações arqueológicas foram sempre vinculadas e problematizadas com o ambiente e os ecossistemas de instalação dos sítios arqueológicos.

141

Com esse perfil de pesquisa, ao longo de 16 anos de investigações foram realizados mapeamentos arqueológicos e ambientais, assim como o registro de sítios arqueológicos e dezenas de áreas com vestígios, atestando a projeção lançada na década de 1960 de que a região possuía um interessante panorama arqueológico. As intervenções arqueológicas demonstraram que a região foi ocupada de forma diversa durante o período pré-colonial, apresentando vestígios de populações caçadoras e coletoras, Jê Meridionais e Guarani. Da mesma forma, a arqueologia histórica proporcionou subsídios para que se contribuísse com o conhecimento referente às populações coloniais do Vale do Taquari, representadas essencialmente por africanos, açorianos, alemães e italianos.

Esse conhecimento tem sido divulgado e debatido em atividades e publicações científicas realizadas pelo Setor de Arqueologia, especialmente representadas por exposições, apresentação de comunicações em eventos regionais, estaduais, nacionais e internacionais, assim como pela publicação de artigos científicos, livros, capítulos de livro, monografias de final de curso, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Esses resultados têm proporcionado à interpretação dos processos de ocupação humana do Vale do Taquari, e que, de forma sintética, serão expostas nas linhas seguintes.

O CONTEXTO AMBIENTAL E SUA RELAÇÃO ARQUEOLÓGICA

O Vale do Taquari constitui-se em uma convenção territorial geopolítica formada por 36 municípios localizada no centro-leste do estado do Rio Grande do Sul, entre as coordenadas UTM 350000 L e 6695000 N; 450000 L e 6830000 N. Seu território engloba uma parte considerável da Bacia Hidrográfica do Rio Taquari/Antas, principal recurso hídrico da região (Figura 1).

Por se tratar de uma convenção política, a área correspondente ao Vale apresenta-se heterogênea em termos geomorfológicos e ecológicos. Localizado no Domínio Morfoestrutural das Bacias e Coberturas Sedimentares, apresenta duas áreas distintas: o extremo sul insere-se na Depressão Central Gaúcha e a porção norte e central inserem-se no Planalto das Araucárias (JUSTUS et al., 1986).

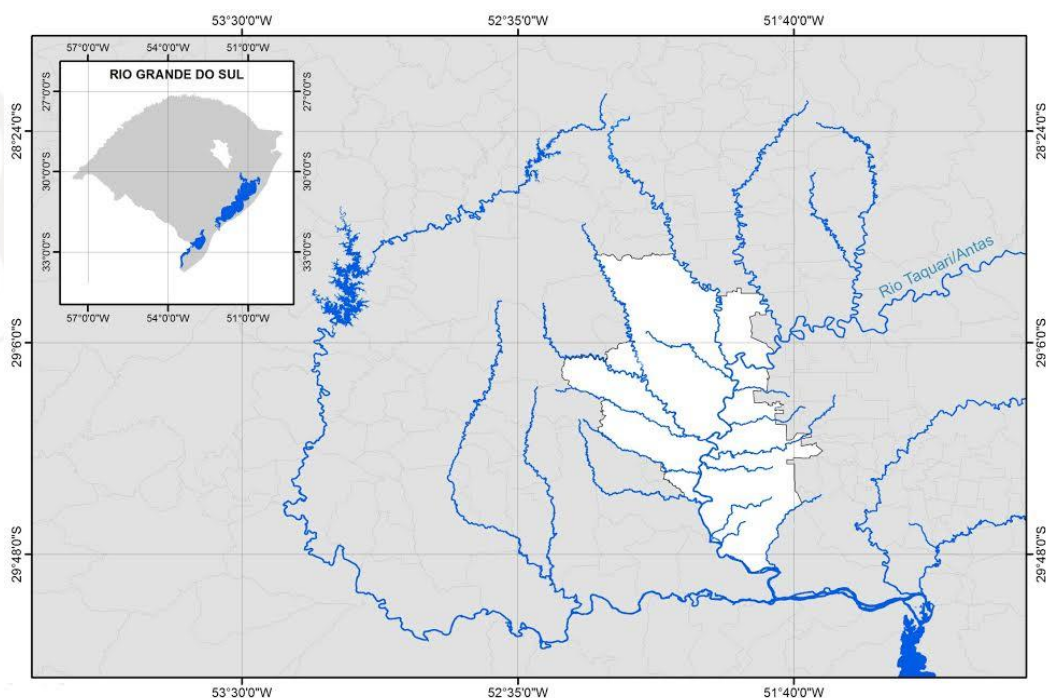


Figura 1. Localização e hidrografia do Vale do Taquari. Elaborado a partir de Kreutz (2015).

O sul apresenta um relevo homogêneo, sem muitas variações altimétricas, onde prevalecem as formas alongadas conhecidas como coxilhas; ao lado dessas formas a região é delimitada por vastas superfícies planas (JUSTUS et al., 1986). Nessa porção a cobertura vegetal corresponde originalmente a Floresta Estacional Decidual (TEIXEIRA et al., 1986). A porção norte apresenta maior altitude, com o vale mais encaixado e a rara presença de planícies. Nessa área a formação vegetacional corresponde a Floresta Ombrófila Mista, com destaque para a presença do pinheiro *Araucaria augustifolia* (Bertol.) Kuntze (TEIXEIRA et al., 1986). A região central destaca-se como uma área intermediária entre a Floresta

Estacional Decidual e a Floresta Ombrófila Mista, apresentando um perfil geomorfológico de vale encaixado com a presença de planícies não extensas, geralmente apresentando-se em um dos lados dos córregos fluviais (WOLF, 2012).

Acompanhando as diferenças geomorfológicas e ecológicas, as pesquisas arqueológicas têm demonstrado que a ocupação pré-colonial no Vale do Taquari apresentou predições territoriais (WOLF, 2012). Têm-se verificado a preferência de ocupação da porção intermediária e sul por populações Guarani, onde se observa a presença de Floresta Estacional Decidual e Semidecidual e de planícies de inundação; e, em paralelo, as áreas de maior altitude da metade norte recobertas por Floresta Ombrófila Mista apresentam vestígios arqueológicos relacionados às populações Jê Meridionais (WOLF, 2012). Sítios arqueológicos relacionados aos caçadores e coletores mais antigos são encontrados em vários espaços do Vale do Taquari (KREUTZ, 2015).

144

Populações caçadoras e coletoras

Acerca da presença de populações caçadoras e coletoras, são conhecidos 19 sítios arqueológicos no Vale do Taquari (KREUTZ, 2015). Os dados obtidos até o momento são oriundos, no entanto, da escavação do sítio arqueológico RS-T-121, localizado no município de Coqueiro Baixo. Esse sítio encontra-se instalado no meio de um vale intermontano, nas margens do Arroio Pedras Brancas (WOLF, 2012). Tal padrão também foi mencionado por Cabral (2005) para a Bacia

Hidrográfica do Rio Maquiné, Rio Grande do Sul. A concentração de material atinge uma área superior a 10.000 m², abarcando uma pequena planície de inundação e a sua meia-encosta (Figura 2).

O sítio não apresentou estratigrafia com definição do horizonte antrópico, estando às evidências arqueológicas presentes entre a superfície e 0,50 m de profundidade na planície, e superficialmente na medida em que se avança sobre a meia-encosta (WOLF, 2012). Cabral (2005) e Dias (2003) destacam que sítios a céu aberto apresentam rara preservação de contextos estratigráficos. Dias (2003) salienta que os sítios superficiais gerariam uma grande área de dispersão de material, diferentemente dos abrigos sob rocha.

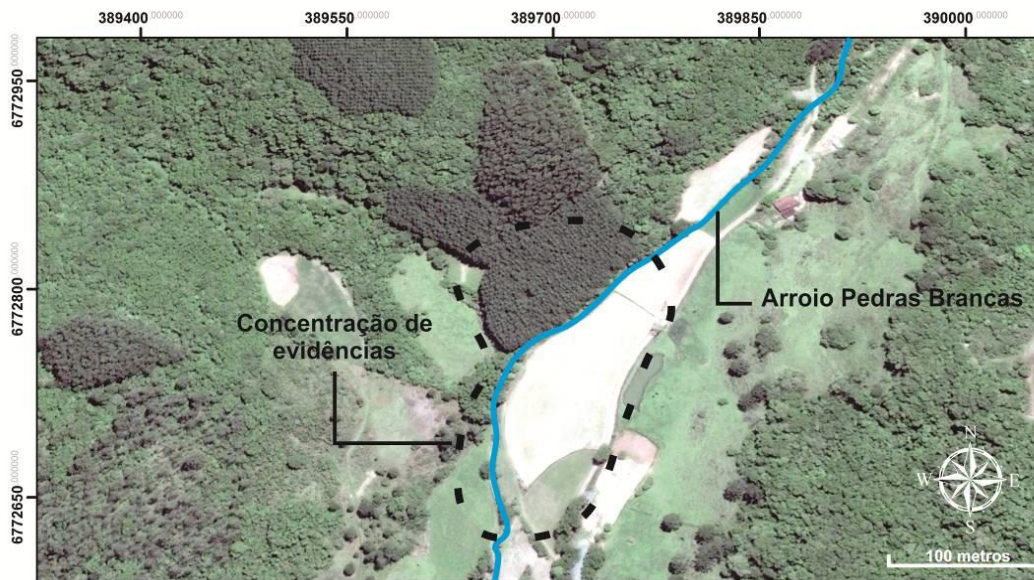


Figura 2. Vista aérea do sítio arqueológico RS-T-121, com indicação da área de concentração de evidências, próxima da calha do Arroio Pedras Brancas. Elaborado a partir de Google Earth (2017).

O material resgatado a partir de coletas superficiais controladas, cortes e perfis estratigráficos demonstra uma predominância de microlascas, lascas unipolares e fragmentos de lascamento de arenito silicificado e basalto, indicando, possivelmente, um intenso retalhamento de núcleos e rochas brutas para produção de artefatos. No basalto e no arenito observa-se uma preferência pela técnica de lascamento unipolar, enquanto que na calcedônia e no quartzo a técnica bipolar está em maior frequência. Entre as lascas com presença de retoques, constatou-se que a calcedônia representa 34% do total de lascas bipolares (WOLF, 2012).

Dentre as peças unifaciais e bifaciais verificou-se a preferência por seixos e blocos de basalto. Enquanto isso, os geodos de calcedônia foram intensamente utilizados na confecção de peças unifaciais, sob a técnica de lascamento unipolar. A análise desses instrumentos indicou pouco investimento tecnológico, com a modificação de apenas uma de suas extremidades (WOLF, 2012).

As pontas de projétil apresentam como matéria-prima o arenito silicificado, o quartzo e a calcedônia. A observação dos pedúnculos demonstra uma preferência pelo reto em sete peças, enquanto o bifurcado está presente em duas peças. Foram evidenciadas duas pontas lanceoladas, e em outras duas não foi possível evidenciar características morfológicas. Dias (2003) salienta que a utilização do pedúnculo bifurcado está relacionada com a facilidade de encabamento ou com a reativação em caso de danificação durante o uso.

A análise da composição da matéria-prima desse sítio indica a procedência local da matéria-prima. A coleta do basalto ocorreu nos cursos d'água, como, por exemplo, no arroio Pedras Brancas, na forma de seixos e fragmentos oriundos das encostas. A calcedônia apresenta-se na forma de geodos associados ao arraste fluvial. O quartzo, utilizado em menor escala, é verificado em afloramentos ou então na forma de blocos de araste fluvial (WOLF, 2012).

Como destaca Dias (2003), a obtenção do arenito silicificado está normalmente associada à exploração de afloramentos. Durante as atividades de campo foram realizadas prospecções com o intuito de detectar afloramentos desse tipo, sem resultados positivos. A análise da cultura material coletada no sítio revelou a ocorrência de seixos de araste fluvial de arenito silicificado. Nesses observa-se a ocorrência de córtex com características friáveis, e, em seu interior, a silicificação. A presença de seixos no leito do arroio Pedras Brancas sugere coleta próxima, assim como em afloramentos que correm no interior dos vales intermontanos (WOLF, 2012).

O sistema de assentamento caçador e coletor sugerido por Dias (2003) apresenta unidades habitacionais associadas aos abrigos sob rocha e locais destinados a duas atividades distintas: extração de matéria-prima e área de atividade simbólica. Os locais de extração de matéria-prima estariam associados com afloramentos rochosos de boa qualidade ou com pontos específicos na paisagem, como cursos d'água de maior fluxo que concentrariam seixos ou placas derivadas do arraste

fluvial. Já os sítios relacionados ao sistema simbólico seriam caracterizados pela presença de gravações rupestres em blocos isolados na paisagem ou associados a abrigos sob rocha.

Dias (2003), partindo de ideias de Binford (1983), destaca que o modelo de assentamento de grupos caçadores e coletores seria organizado através do modelo forrageiro e do modelo coletor. O primeiro caracteriza-se por uma alta mobilidade residencial, de caráter sazonal, entre uma série de recursos conectados em um território amplo, não apresentando estratégias de estocagem de alimentos. Já o modelo coletor apresentaria um sistema semi-sedentarizado, onde os recursos disponíveis seriam mapeados pelo grupo através de movimentos residenciais e a caça e a coleta organizada de forma logística por meio da ação de grupos de tarefa especializados na procura e no processamento do alimento.

A primeira característica seria a alta mobilidade, demandando um amplo território com duas dimensões: “uma regional, associada ao grupo de afiliação, e uma local, associada às áreas de forragem dos bandos que compõe o grupo de afiliação, cujas fronteiras são marcadas pela alta fluidez” (DIAS, 2003, p.103). Uma segunda característica refere-se às estratégias de mobilidade correspondente ao marco estrutural desse tipo de organização. Segundo a autora (2003), a alta mobilidade agiria de forma a potencializar a capacidade produtiva do ambiente e manter os vínculos sociais e o fluxo de informação entre os distintos bandos locais que fazem parte de um grupo de afiliação e que compartilham o mesmo território

regional. Por fim, a alta mobilidade estaria refletida em sítios com breves intervalos de ocupação, gerando, assim, vestígios pouco densos e altamente dispersos na paisagem, com baixa variabilidade funcional e grande probabilidade de apresentar depósitos primários de dois tipos: unidades habitacionais e locações ligadas a atividades específicas (DIAS, 2003).

Em virtude da ausência de vestígios orgânicos confiáveis para datação radiocarbônica, até o momento não foi possível estabelecer cronologia para esse sítio. Datações de áreas próximas apresentam datas bastante recuadas, como é o caso do sítio RS-TQ-58: Garivaldino situado em um abrigo sob rocha no município de Montenegro (distante 120 km do sítio RS-T-121). Esse sítio foi pesquisado por Pedro A. Mentz Ribeiro e colaboradores entre 1987 e 1989, e apresenta datas entre 9430 ± 360 BP e 8020 ± 150 BP (RIBEIRO, 1990; DIAS; JACOBUS, 2001; DIAS, 2003).

149

Populações Jê Meridionais

Apesar da provável antiguidade do sistema de assentamento de grupos caçadores e coletores no Vale do Taquari, as datas radiocarbônicas mais antigas apresentadas até o momento inserem-se no contexto Jê Meridional. A partir de prospecções e levantamentos arqueológicos registraram-se 69 sítios com potencialidade de investigação associados a estruturas subterrâneas, montículos e sítios superficiais líticos e lito-cerâmicos Jê Meridionais (WOLF; MACHADO; OLIVEIRA, 2016). Associadas predominantemente a espaços habitacionais (BEBER, 2004; COPÉ,

2006; SCHMITZ et al., 2013), as estruturas subterrâneas são marcantes na paisagem regional. Das áreas evidenciadas foram realizadas intervenções em sete sítios arqueológicos, sendo esses o RS-T-100, o RS-T-123, o RS-T-125, o RS-T-126, o RS-T-127, RS-T-129 e o RS-T-130 (WOLF; MACHADO; OLIVEIRA, 2016) (Figura 3).

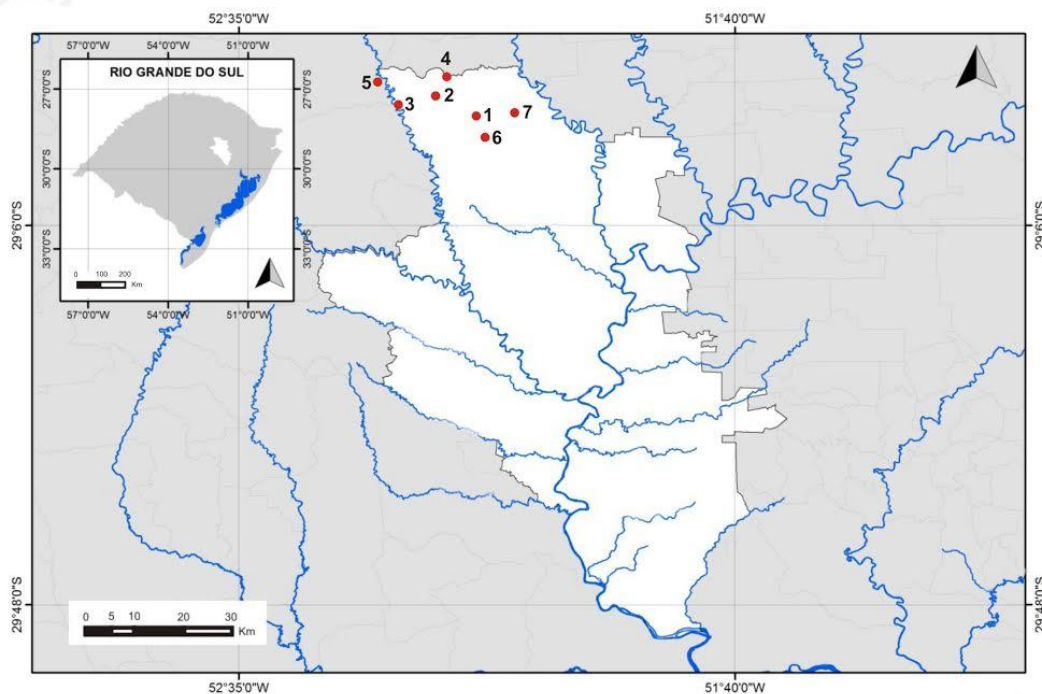


Figura 3. Sítios Arqueológicos Jê Meridionais que receberam intervenções no Vale do Taquari. Legenda: **1** RS-T-100; **2** RS-T-123; **3** RS-T-125; **4** RS-T-126; **5** RS-T-127; **6** RS-T-129; **7** RS-T-130. Elaborado a partir de Kreutz (2015) e Wolf, Machado e Olivera (2016).

Com exceção do sítio RS-T-127, que apresenta apenas uma estrutura subterrânea, nos sítios RS-T-100, RS-T-123 e RS-T-126 as estruturas encontram-se concentradas, sendo compostas por nove ou mais. Localizam-se normalmente em topo de elevações com ampla visibilidade, ou então em sua base, como nos sítios RS-T-100 e RS-T-127, onde a inclinação do terreno faria o papel de facilitador da movimentação de terra. As estruturas localizam-se preferencialmente em áreas cuja vegetação compreende porções florestadas e, também, em locais de mosaico campo/floresta.

Quanto aos sítios superficiais, observam-se dois parâmetros diferenciados de instalação no ambiente. Os sítios RS-T-125 e RS-T-130 estão associados a áreas de fundo de vale, em superfícies planas e nas margens do Rio Forqueta e Guaporé e seus afluentes. Em uma área de transição entre a Floresta Estacional Decidual e a Floresta Ombrófila Mista, a altitude nesses locais não ultrapassa 420 m. Próximo aos sítios observa-se grande oferta de matéria-prima em afloramentos e depósitos de seixos de arraste fluvial. O material arqueológico encontra-se na superfície, disperso por ampla área (WOLF, 2012). Já o sítio RS-T-129 está instalado geomorfologicamente sobre uma área de divisor de bacias hidrográficas, em altitude superior a 700 m, sob cobertura vegetal original associada à Floresta Ombrófila Mista. Diferentemente dos demais sítios inseridos em fundo de vale, o sítio RS-T-129 encontra-se no topo e na encosta de uma elevação, distando do recurso hídrico.

As intervenções realizadas nos sítios arqueológicos com estruturas subterrâneas privilegiaram áreas no espaço interno e externo, objetivando compreender as atividades realizadas em diferentes espaços do sítio. O material lítico evidenciado enquadrou-se em dois conjuntos: um ligado às atividades domésticas, como lascas, núcleos e pequenos artefatos unifaciais; e outro ligado a atividades de exploração agroflorestal (DIAS; HOELTZ, 2010), como machados polidos e artefatos bifaciais e unifaciais de grande porte, localizados no entorno dos sítios (DEVITTE, 2014).

Devitte (2014) observou a preferência pela utilização do basalto como matéria-prima. Esse é encontrado em forma de blocos no entorno dos sítios arqueológicos. Em menor quantidade observam-se materiais em calcedônia e quartzo, principalmente lascas bipolares, embora a técnica unipolar tenha sido registrada. Constata-se ainda a ausência de lascas corticais no registro arqueológico, indicando que a manufatura inicial da matéria-prima ocorreu em seu local de obtenção, possivelmente fora da área de concentração das estruturas subterrâneas. A cerâmica, um importante elemento cultural das populações Jê Meridionais (COPE, 2006; ARAÚJO, 2007), foi encontrada nos sítios RS-T-123, RS-T-126 e no sítio superficial RS-T-130, em pequeno número de fragmentos e extremamente erodidos. Relata-se a ausência de cerâmica em outras áreas do sul do Brasil, como alguns sítios pesquisados em Caxias do Sul (SCHNEIDER et al., 2014) e São Marcos (ROGGE; SCHMITZ, 2009). Em contraste encontram-se sítios localizados nas Bacias Hidrográficas dos rios Pardo e Pardinho (RIBEIRO;

SILVEIRA, 1979; RIBEIRO, 1990), áreas com a presença de estruturas subterrâneas mais próximas ao Vale do Taquari.

Os sítios com estruturas subterrâneas constituem-se de espaços com maior convívio social, relacionadas ao preparo e consumo de alimentos. Em seu interior são verificadas camadas de ocupação que ultrapassam 0,40 m de profundidade, associadas a vestígios vegetais carbonizados, evidências líticas e cerâmicas. No entorno são registradas estruturas de combustão e evidências arqueológicas associadas à manipulação de alimento. De forma geral observa-se maior densidade de materiais no entorno das estruturas do que em seu interior, reafirmando a hipótese de que a maioria das atividades era realizada nas áreas externas (MACHADO; MILDNER, 2005; COPÉ, 2006).

Os sítios superficiais identificados correspondem a áreas de atividades específicas, em virtude da baixa variabilidade artefactual, marcada pela presença de instrumentos de grande porte como machados, mãos de pilão e talhadores. A dispersão de materiais por amplas áreas e a ausência de elementos que demonstrem uma intensidade e estabilidade de ocupação, como estruturas de fogueira e marcas de esteio, indicam a utilização sazonal dessas áreas, relacionadas, possivelmente, ao manejo e exploração de recursos florestais e agrícolas (COPÉ; SALDANHA; CABRAL, 2002; DIAS, 2003; DIAS; HOELTZ, 2010). Por outro lado é possível destacar a presença de uma estrutura de fogueira no sítio RS-T-130.

No que tange às características dos sítios, não foram evidenciadas áreas com funcionalidade cerimonial, como abrigos com sepultamento ou estruturas anelares. Isso não se trata de um fenômeno regional, na medida em que características semelhantes são observadas em toda a borda sul do Planalto das Araucárias. De uma forma geral, os dados levantados vêm a corroborar com a descrição da heterogeneidade dos territórios Jê no sul do Brasil durante o período pré-colonial, contrapondo a homogeneidade pregada até a década de 1990 (SCHMITZ; BECKER, 1991), baseada na lógica de um sistema frágil, pautado na exploração de três ambientes distintos: o litoral, a encosta do planalto e os campos de altitude (SCHMITZ, 1988; DIAS, 2003; BEBER, 2004).

154

Com relação à cronologia de ocupação, realizaram-se cinco datações radiocarbônicas oriundas de sítios com estruturas subterrâneas construídas e sítios líticos e cerâmicos superficiais, conforme o Quadro 1.

Sítio	Nº de Laboratório	<i>Conventional Age – BP</i>
RS-T-126	Beta 385782	1140 ± 30
RS-T-123	Beta 343953	1040 ± 30
RS-T-123	Beta 343954	940 ± 30
RS-T-123	Beta 385781	970 ± 30
RS-T-130	Beta 423195	840 ± 30

Quadro 1. Datações radiocarbônicas realizadas em sítios arqueológicos Jê Meridionais do Vale do Taquari. Elaborado a partir de Wolf, Machado e Oliveira (2016, p.187).

As datações radiocarbônicas realizadas deixam clara a relação existente entre os sítios com estruturas subterrâneas e os sítios superficiais de diferentes funcionalidades dentro do sistema de assentamento. O sítio RS-T-123 parece estar representado por um único episódio de construção, ocupação e abandono, ou então um abandono de curto espaço de tempo. As estruturas que compõem o assentamento encontram-se em um mesmo terraceamento, elemento que indica construção contemporânea de todas as depressões (SALDANHA, 2005; IRIARTE et al., 2013). O sítio RS-T-126 ainda não possui um quadro cronológico consistente, embora o interior das estruturas apresente diferentes camadas de ocupação, sugerindo episódios de abandono e reocupação. Em uma perspectiva regional de assentamento, o Vale do Taquari insere-se no primeiro período de ocupação do território Jê (SCHMITZ; NOVASCO, 2013), momento em que foram registrados sítios na maioria das regiões de ocupação desses povos. A ocupação teria se iniciado pelo nordeste do Rio Grande do Sul e seguido em direção à região central, alcançando a borda sul e leste do Planalto das Araucárias até 1000 A. D.

Embora o quadro cronológico obtido até o momento indique um intervalo entre a ocupação dos sítios Jê Meridionais e a ocupação Guarani, populações que ocuparam os territórios mais baixos do Vale do Taquari, existem evidências materiais cerâmicas que sugerem algum tipo de contato entre essas populações ao longo da região. Ainda não é possível identificar de que maneira esse contato ocorreu, mas ressalta-se tratar de um amplo cenário investigativo.

Populações Guarani

A ocupação Guarani inseriu-se na porção centro-sul da Bacia do Taquari/Antas, em um perímetro formado por 121 sítios arqueológicos e 64 áreas que apresentam vestígios associados a essas populações (SCHNEIDER et al., 2017). No Vale do Taquari localizam-se 37 desses sítios (KREUTZ et al., 2014), sendo que 14 receberam intervenções arqueológicas: o RS-T-101, o RS-T-107, o RS-T-110 e o RS-T-114 que estão inseridos em planícies de inundação do Rio Forqueta; os sítios RS-03⁴, RS-T-117, RS-T-102, RS-T-105, RS-T-108, RS-T-113 e RS-T-124 que se inserem em planícies de inundação margeadas pelo Rio Taquari/Antas; o sítio RS-T-119 que se localiza em uma meia-encosta próxima ao Rio Taquari/Antas; o RS-T-116 que se insere uma encosta próxima ao Arroio Boa Vista e o sítio RS-T-122 que localiza-se, por sua vez, em uma planície de inundação do Arroio Tamanduá, em uma zona de confluência com o Rio Forqueta (Figura 4).

Os sítios que sofreram intervenção apresentam características de estabelecimento na paisagem, obtenção de matéria-prima e presença de estruturas parecidas entre si, especialmente quando encontrados nas planícies de inundação. Verifica-se, de maneira geral, um padrão de assentamento bastante similar para a ocupação Guarani, incluindo um baixo interesse em expandir-se para regiões secas, terras frias e regiões acidentadas, com poucos indícios de sua presença em altitudes

⁴ Esse sítio foi registrado em 1965 pelo arqueólogo Pedro Ignácio Schmitz. No ano de 2012, o Setor de Arqueologia da Univates retornou ao sítio e realizou intervenções, a fim de evidenciar os níveis de conservação do sítio.

superiores a 400 m acima do nível do mar (PROUS, 1992). Seguindo os grandes cursos de rios, os Guarani teriam ocupado um ambiente ecológico muito parecido ao da Floresta Tropical, como a Floresta Estacional Decidual e a Semidecidual (SCHMITZ et al., 1990; ROGGE, 1996).

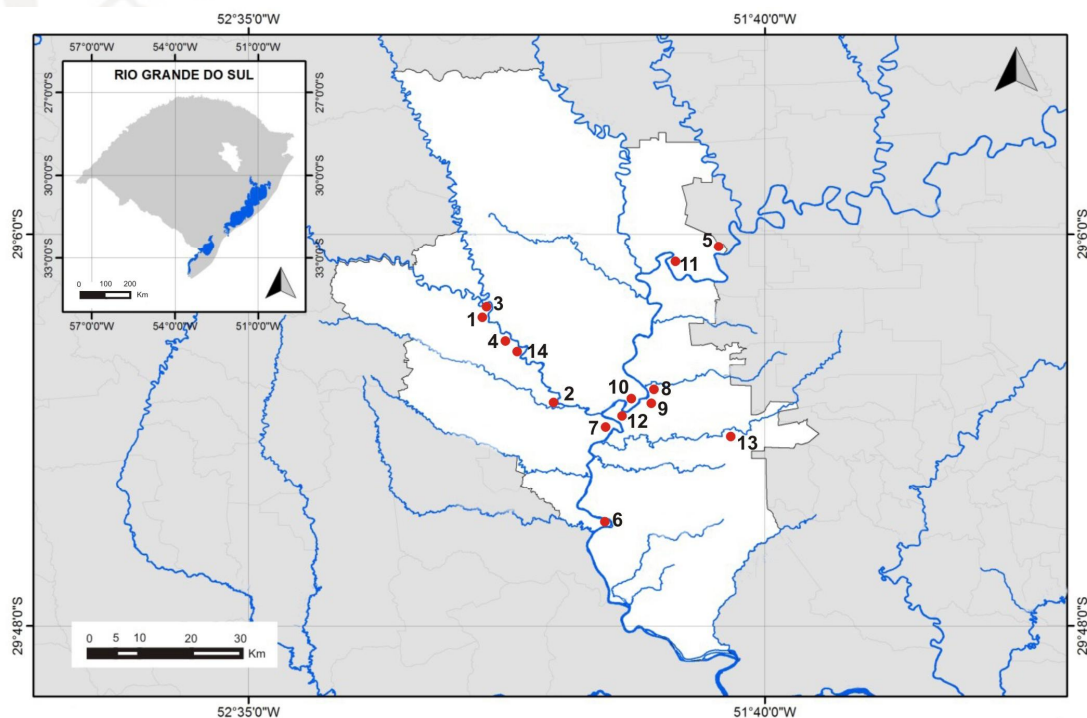


Figura 4. Sítios Arqueológicos Guarani que receberam intervenções no Vale do Taquari. Legenda: Elaborado a partir de Kreutz (2015). Legenda: 1 RS-T-101; 2 RS-T-107; 3 RS-T-110; 4 RS-T-114; 5 RS-03; 6 RS-T-117; 7 RS-T-102; 8 RS-T-105; 9 RS-T-108; 10 RS-T-113; 11 RS-T-124; 12 RS-T-119; 13 RS-T-116; 14 RS-T-122.

O Vale do Taquari apresenta todas as características citadas, ressaltando-se que o sítio de maior altitude, o RS-T-110, atinge apenas 120 m. Por outro lado, um pouco além das fronteiras políticas do Vale do Taquari, seguindo a direção nordeste que o Rio Taquari/Antas apresenta, são registrados sítios Guarani em altitudes superiores aos 400 m (MACHADO, 2008; CORTELETTI, 2008), incluindo um sítio localizado a 800 m de altitude no município de São Marcos (ROGGE; SCHMITZ, 2009). Dessa forma, apesar da preferência de ocupação por terras baixas, planas ou com leves inclinações (SCATAMACCHIA, 1990; PROUS, 1992), assim como por várzeas férteis (SCATAMACCHIA, 1990; SCHMITZ, 1991; ROGGE, 1996), a ocupação Guarani também apresentou adaptação a diferentes climas e solos, como o aparecimento de sítios Guarani em áreas de maiores altitudes da Serra Geral do Paraná (NOELLI, 2004) e do Planalto Catarinense (SOUZA et al., 2016).

A cerâmica trata-se de um elemento marcante em sítios arqueológicos Guarani. Nos sítios investigados notou-se a presença majoritária de cerâmicas corrugadas, caracterizadas como o motivo decorativo de maior incidência na metade sul do território Guarani. Cerâmicas com decoração alisada, unglada, escovada, incisa, roletada, ponteadas e com pintura policrômica (em vermelho e/ou preto sobre engobo branco e/ou vermelho) também foram evidenciadas nas áreas de estudo. Nos sítios em que ocorreram escavações sistemáticas, como no RS-T-101, no RS-T-110 e especialmente no sítio RS-T-114, a análise das coleções cerâmicas indicou, além da presença de vasilhas domésticas com a funcionalidade de cozer e

guardar líquidos e alimentos, potes relacionados à complexidade ritual, como tigelas para beber decoradas com pinturas e grafismos (SCHNEIDER, 2008; SCHNEIDER, 2014; ROSA, 2014). Esses materiais, além de indicarem a prática de festejos e beberagens (BROCHADO; MONTICELLI, 1994), sugerem alta permanência nas aldeias (ROGGE, 1996; MILHEIRA, 2008).

Nos sítios RS-T-117 e RS-03, localizados na margem direita do Rio Taquari/Antas, foram evidenciados enterramentos secundários em urnas, inseridos próximos ao rio e fora da área doméstica das aldeias. No enterramento do sítio RS-T-117 evidenciou-se um *cambuchí guaçú* com ossos em adiantado estado de decomposição, e, ao lado, dois *cambuchí caguâba* sobrepostos e associados a dois *tembetá* (adorno labial de quartzo), assim como a presença de pequenos blocos de hematita, indicando tralha ritual. Por sua vez, o enterramento do sítio RS-03 apresentou ossos em duas vasilhas distintas: uma *yapepó* com decoração corrugada e um *cambuchí caguâba* com a presença de ossos em melhor estado de conservação.

Em relação aos líticos, os sítios apresentaram machados polidos, bifaces, alisadores em caneleta, mãos-de-pilão, lascas e *tembetá* em quartzo. A matéria-prima rochosa de maior expressão constitui-se de basalto, em sua maioria proveniente de seixos de arraste fluvial, seguido de calcedônia, arenito friável, quartzo e arenito silicificado, esse último em raras aparições (FIEGENBAUM, 2009).

A proximidade dos sítios com recursos hídricos teria proporcionado à facilidade de obtenção de matérias-primas, uma vez que essas eram normalmente provenientes das cascalheiras, depósitos de seixos localizados em curvas de rio. A inexistência de oficinas líticas nos sítios investigados sugere que as áreas de lascamento ficariam localizadas nas próprias cascalheiras, sendo o instrumento transportado para a área de habitação ou para a roça já no seu estado final de elaboração (MACHADO et al., 2008).

As técnicas de lascamento davam-se de maneira direta e indireta, originando lascamentos unipolares e bipolares. A técnica unipolar era majoritariamente utilizada para o basalto e para o arenito silicificado; enquanto que a técnica bipolar era restrita para o lascamento de calcedônias e quartzo. Observaram-se técnicas de polimento para a elaboração de machados e pilões de basalto e *tembetás* de quartzo. Para a elaboração desses últimos observou-se ainda a técnica de picoteamento (FIEGENBAUM, 2009).

Foram evidenciadas manchas de terra preta com concentração de vestígios arqueológicos nos sítios RS-T-101, RS-T-107, RS-T-110, RS-T-114 e RS-T-117. Nesse último a mancha de terra preta estava inserida na planície de inundação do Rio Taquari/Antas, distante cerca de 15 m da urna funerária. Tradicionalmente as manchas de terra preta foram definidas como vestígios de unidades habitacionais, que, em conjunto, formariam uma espécie de ‘planta baixa’ da aldeia (CHMYZ, 1966). Em meio essas estrutura podem ser encontrados elementos como marcas de

estacas, concreção, fogões, contextos líticos, cerâmicos e arqueofaunísticos, esteios e postes indicadores de cabanas (NOELLI, 1993).

Nos sítios arqueológicos do Vale do Taquari em que foram evidenciadas as machas de terra preta a estratigrafia apresentou-se muito definida, formada por três horizontes: o horizonte A, representado pela camada recente e geralmente perturbada que pode variar de 0,10 até 0,40 m de profundidade; o horizonte A Antrópico formado pela mancha de terra preta ou por área arqueológica e, por fim, o horizonte B, representando pela camada estéril e mais antiga do que a área de ocupação (WOLF, 2012). Destaca-se que todos os sítios Guarani da região apresentam algum grau de perturbação, especialmente relacionado a atividades agrícolas ou de faunaturbação/floraturbação.

Dentre os sítios Guarani escavados, o RS-T-114 recebeu o maior número de intervenções sistemáticas. Esse sítio apresenta um acervo de 12.245 fragmentos cerâmicos, 2.614 materiais líticos, 1.553 vestígios arqueofaunísticos e 993 vestígios malacológicos e, ao longo das pesquisas, proporcionou interpretações especialmente referentes à funcionalidade das distintas áreas de atividade da aldeia, da alimentação animal e vegetal, assim como da gestão de recursos florísticos na região.

Com relação às áreas de atividade, Fiegenbaum (2006) destacou que o sítio possuía duas áreas funcionais: a planície de inundação que, uma vez apresentando

evidências líticas de maior porte, como machados e artefatos bifaciais, estaria relacionada ao cultivo e ao manejo agroflorestal; e duas manchas de terra preta com a presença de elevados níveis de matéria orgânica, onde os objetos líticos possuíam menor porte, como lascas de calcedônia, fragmentos de basalto, quartzo e seixos com marca de polimento, indicando tratar-se de uma área doméstica. Para Kreutz (2008), a mancha localizada no talude do rio poderia tratar-se de uma área de descarte de materiais, especialmente pela sua inclinação no terreno e pela quantidade de vestígios encontrados, enquanto que a mancha de terra preta localizada na área de planície, distante 30 m da primeira, estaria relacionada à área de habitação propriamente dita.

162

As distinções relativas a essas áreas foram aprofundadas por Schneider (2014), demonstrando-se que essa última área poderia tratar-se de um ambiente de convívio social com indícios de atividades rituais (baixa incidência de vestígios arqueofaunísticos e botânicos, presença elevada de cerâmicas pintadas, diminuição de cerâmicas domésticas, presença elevada de adornos *tembetá*), tais como as casas de rezas Guarani identificadas por Carle (2002) no sítio Povo Novo, município de Rio Grande; e a outra mancha, localizada no talude do rio, representaria de uma área de acúmulo de vestígios, especialmente de origem animal e vegetal, configurando-se como uma provável área de descarte, assim como exposto por Kreutz (2008).

Tanto na mancha de terra preta do talude quanto na mancha da planície foram recuperados vestígios botânicos carbonizados (SCHNEIDER et al., 2016), identificando-se endocarpos de *Butia capitata* (Mart.) Beccari (butiazeiro) e endocarpos do gênero *Syagrus* (COSTA et al., 2008; SOARES et al., 2014), possivelmente da espécie *Syagrus romanzoffiana* (Cham.) Glassman (SOARES et al., 2014), o jerivá. A recuperação de endocarpos de palmeiras não se faz incomum em sítios arqueológicos Guarani, uma vez que essas eram largamente utilizadas para a construção das casas, especialmente para a colocação do telhado, assim como para o consumo e demarcação de território (KRIEGEL et al., 2014). As duas espécies de palmeiras identificadas sugerem ainda que durante a ocupação Guarani já havia a formação de Mata Atlântica na região (SCHNEIDER, 2014).

Além dos vestígios carpológicos carbonizados, o sítio apresenta grande quantidade de lenhos carbonizados. Schmidt (2010) verificou que a madeira utilizada para as práticas domésticas foi originária da queima da madeira morta (constatando-se a presença de hifas de fungo), coletadas no solo da mata ou fixadas nas árvores. Secchi (2012) e Beuren et al. (2012) identificaram que a temperatura de combustão da madeira foi de 230° até 340°, indicando fogo de baixa intensidade nas fogueiras.

Os principais resultados referentes às práticas alimentares desse sítio advêm da análise de vestígios arqueofaunísticos e de microvestígios botânicos agregados à

cerâmica arqueológica (grãos de amidos e fitólitos). Os vestígios de fauna indicaram a presença de espécies típicas das porções florestadas descritas para a área do sítio, demonstrando que a região proporcionou subsídios para a caça e à coleta de animais como veados (*Ozotocerus bezoarticus* L.), antas (*Tapirus terrestris* L.), porcos-do-mato (*Tayassu pecari* Link), tatus-galinha (*Dasyopus novemcinctus* L.), bugios-ruivo (*Alouatta guariba* Humboldt), pacas (*Cuniculus paca* L.), ratões-do-banhado (*Myocastor coypus* Molina), cutias (*Dasyprocta azarae* Lichtenstein), Tigres-d'água (*Trachemis* sp.), cágados (*Phrynops* sp.), moluscos aquáticos do gênero *Diplodon* e moluscos terrestres do gênero *Megalobulimus* (ROSA et al., 2009). Uma vez que os animais identificados apresentam tamanhos e características distintas, sugeriu-se que as atividades ligadas à obtenção de proteína animal ocorreram por meio de estratégias variadas (FIEGENBAUM, 2009).

164

O conhecimento referente à alimentação Guarani foi complementado com os resultados preliminares de análises em microbotânica. Foram identificados três tipos morfológicos de grãos de amido nas cerâmicas do sítio RS-T-114 (SCHNEIDER et al., 2016): o Tipo 1 composto de grãos ovalados e com a presença de hilo, lamela, com ou sem fissuras, características de amidos do gênero *Phaseolus* L. (ACEITUNO; LALINDE, 2011); o Tipo 2 de formato poliédrico comumente associados a grãos de amido de *Zea mays* L. (milho) (ACEITUNO; LALINDE, 2011) e o Tipo 3 de grãos com a presença de fissura em 'Y' no hilo, também associado a *Zea mays* L. (milho) (TEIXEIRA-SANTOS, 2010;

BONOMO et al., 2011; DICKAU et al., 2011; IRIARTE; DICKAU, 2012). Foi possível recuperar fitólitos com formato *opaque perforated plates*, sugestivos para plantas da família Asteraceae (CORTELETTI, 2012) ou da família Cannaceae (CASCON, 2010).

A recuperação de possíveis grãos de amido de *Zea mays* L. (milho) e do gênero *Phaseolus* L. (feijões), apresenta referência ao intercâmbio de cultivos alimentares entre áreas distantes, especialmente em relação a plantas domesticadas e utilizadas na roça (SCHNEIDER et al., 2016), demonstrando a diversificação da economia alimentar Guarani.

Sítio	Nº de Laboratório	<i>Conventional Age – BP</i>
RS-T-114	Beta 367375	240 ± 30
RS-T-114	Beta 388514	260 ± 30
RS-T-114	Beta 303993	300 ± 30
RS-T-114	Beta 388513	350 ± 30
RS-T-117	Beta 422489	360 ± 30
RS-T-101	Beta 326926	370 ± 30
RS-03	Beta 422490	390 ± 30
RS-T-114	Beta 388512	410 ± 30
RS-T-114	Beta 326927	410 ± 30
RS-T-114	Beta 388515	490 ± 30
RS-T-114	Beta 249391	560 ± 40

Quadro 2. Datações radiocarbônicas realizadas em sítios arqueológicos Guarani do Vale do Taquari. Elaborado a partir de Schneider et al. (2017, p. 43).

Os sítios arqueológicos Guarani investigados apresentam um amplo panorama cronológico. A realização de 11 datas em C¹⁴, como apresentado no Quadro 2, indica que a ocupação desses povos ocorreu entre os séculos XIV e XVIII, com um período inicial de ocupação condizente com a última leva de expansão no amplo território de domínio desses povos (BROCHADO, 1984; ROGGE, 2004; BONOMO et al., 2015).

A realização de quatro datas sequenciais retiradas da mancha de terra preta localizada na planície de inundação do sítio RS-T-114, assim como a observação da estratigrafia dessa mancha, revelou que a ocupação nesse sítio não foi somente longa, mas também contínua, sugerindo que o sítio tenha sido ocupado por mais de três séculos consecutivos (SCHNEIDER et al., 2017). Além do tempo de permanência na aldeia, a data radiocarbônica estabelecida para o sítio RS-T-101, distante cerca de seis quilômetros do sítio RS-T-114, apresentou-se contemporânea à ocupação desse último, indicando que houve uma relação sincrônica entre as áreas durante os séculos XVI e XVII (SCHNEIDER et al., 2017).

A dinâmica de ocupação e movimentação Guarani na região parece estar associada ao modelo de ‘enxameamento’ estipulado por Brochado (1984) e explorado por Noelli (1993), onde não haveria o abandono das aldeias durante o processo de expansão e formação de novas aldeias. As aldeias ficariam ocupadas durante séculos consecutivos e, quando a expansão das sedes ocorria, as áreas

ocupadas primeiramente não eram necessariamente desocupadas, mantendo-se assim um território de domínio ‘enxameado’.

As datas também possibilitaram inferências referentes ao abandono dos sítios Guarani no Vale do Taquari. Conforme Schneider et al. (2017), o maior número de intervalos finais nas datas estabeleceu-se em meados do século XVII, justamente no período em que ocorreu a maior parte da desocupação de sítios Guarani no Brasil meridional, por conta principalmente da ação jesuítica e bandeirante. Apesar disso, duas datas obtidas no sítio RS-T-114 apresentam um intervalo de abandono mais recente, cuja calibração às insere entre o final dos séculos XVII e XVIII, em um momento em que as primeiras sesmarias já estavam sendo concedidas no Vale do Taquari (Figura 5).

É possível inferir que, apesar de documentos demonstrarem a passagem de jesuítas e bandeirantes por volta dos anos 1630 e 1640 (RELLY et al., 2008), ainda não se tem subsídios suficientes para se concluir o grau de influência que essas figuras históricas representaram nas diversas áreas do Vale do Taquari, especialmente naquelas estabelecidas ao pé do Planalto das Araucárias, isoladas das primeiras várzeas ocupadas por não indígenas no Vale do Taquari.

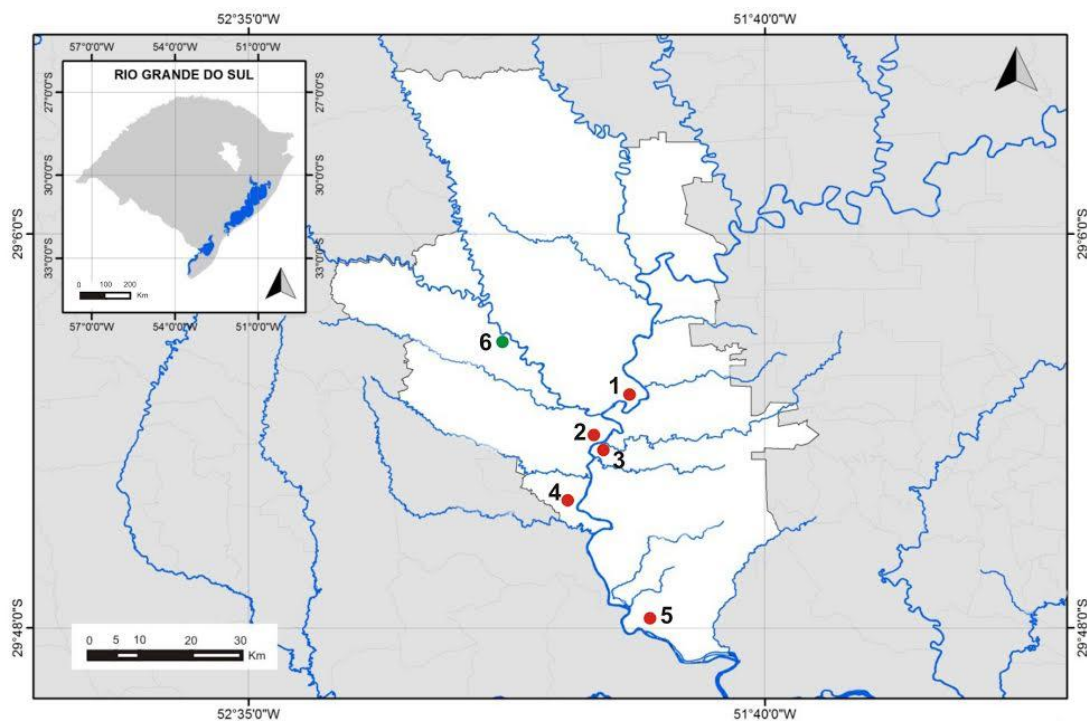


Figura 5. Em vermelho as primeiras sesmarias concedidas na região do Vale do Taquari e em verde o sítio arqueológico RS-T-114. Legenda: 1 São Caetano (1815); 2 Lajeado (1800); 3 Estrela (1800); 4 Desterro (1798); 5 Taquari (1754); 6 RS-T-114 (2 σ Cal. AD 1660-1800). Elaborado a partir de Kreutz (2015).

Além disso, Christillino (2004) demonstrou que no final do século XVIII e início do século XIX havia uma densa rede de ocupação não regularizada nas áreas florestadas margeadas pelo Rio Taquari, formada especialmente por populações indígenas e indivíduos à margem da sociedade, incluindo foragidos da justiça espanhola e portuguesa, desertores dos grupos armados liderados por estancieiros-militares, jurados de morte, escravos, tropeiros, descendentes das antigas

bandeiras, endividados, andarilhos, casais com relacionamentos proibidos, etc. É possível, dessa forma, que alguns dos indígenas ainda moradores das florestas fossem remanescentes de povos Guarani, fazendo com que a ocupação desses povos tenha se estendido mais tempo do que se imaginava no Vale do Taquari.

Ocupações Coloniais

Adentra-se, com a chegada de europeus e africanos, em um novo momento histórico regional. O Rio Grande do Sul, inicialmente território espanhol, despertou o interesse português tardiamente. Segundo Kuhn (2004, p.31) “[...] o interesse português pelo Sul acentuou-se a partir do final do século XVI, em função do comércio platino, decorrente da fundação de Bueno Aires”. A colonização europeia no Rio Grande do Sul, iniciada com a concessão de sesmarias no segundo quartel do século XVIII, visava “[...] implementar as condições para assegurar a Portugal as Campanhas do Sul” (SANTO, 2006, p.35). No Vale do Taquari, conforme destaca Christillino (2004), a primeira doação de sesmaria ocorreu na década de 1750 e viria a intensificar-se somente na década de 1760.

Como exemplo de edificação do processo de colonização portuguesa na região de estudo é possível citar o sítio arqueológico RS-T-120, cujas ruínas são vestígios da sede da Fazenda Pedreira, construída no século XVIII onde hoje se localiza o atual município de Bom Retiro do Sul. O sítio RS-T-111, localizado no município

de Paverama, também faz parte desse processo de ocupação, representando uma casa do século XIX de estilo açoriano.

A Fazenda Pedreira foi fundada no século XVIII por Manuel Alves dos Reis Louzada, o Barão do Guaíba. Entre diversas ocupações e funcionalidades, o casarão foi utilizado para moradia, açougue, escola e armazém de secos e molhados. Com as escavações realizadas foi possível evidenciar o piso original do casarão, elaborado em arenito friável (DEVITTE et al., 2014). Assim como exposto no próprio nome da Fazenda, distante algumas dezenas de metros avista-se uma pedreira de arenito friável que possibilitou, certamente, a fácil retirada de material para a construção da casa.

170

Os anos que sucederam a década de 1850 apresentaram uma nova onda colonizadora na região, incluindo a chegada de levas alemãs e, mais tarde, italianas (RELLY et al., 2008; KREUTZ et al., 2011). Christillino (2004) ressalta que a função das frentes colonizadoras alemãs era estabelecer pequenas propriedades para o abastecimento de gêneros alimentícios no mercado interno e nas bases militares. Os imigrantes italianos, por sua vez, já se encontravam atuando em outros ramos laborais do país, especialmente na economia cafeeira. No Vale do Taquari a chegada de imigrantes dessa etnia ocorreu alguns anos depois da imigração alemã, sobretudo nas áreas de maior altitude e de relevo mais acidentado. Esses imigrantes seguiram a configuração de pequenas propriedades

ao estilo das colônias iniciadas por imigrantes alemães na região de terras mais baixas.

Foram registrados três sítios históricos relacionados à colonização alemã na região. O RS-T-103, localizado na área rural do atual município de Cruzeiro do Sul, compreende a construção de uma unidade habitacional do século XIX. Foram prospectadas as áreas do porão e sótão, identificando-se nesse último espaço uma grande quantidade de livros, revistas e documentos cujas datas variavam do final do século XIX até por volta de 1960, muitos em língua alemã, assim como louças e vidros no porão.

171

O sítio RS-T-109, também do século XIX, localiza-se no município de Santa Clara do Sul e apresenta uma casa cuja preservação estrutural é bastante visível. Com a queda do reboco foi possível identificar a forma de sobreposição dos blocos de arenito entre as vigas de madeira, o conhecido estilo *enxaimel*. Na entrada da habitação observou-se um conjunto de louças europeias e brasileiras bem preservadas. Por fim, o sítio RS-T-112, localizado na área rural do município de Teutônia, constitui-se de uma casa construída em dois momentos: o primeiro no final do século XIX, da qual só restaram a fundação da estrutura, e a segunda no início do século XX. A estrutura, por tratar-se de madeira, encontra-se bastante danificada. Tanto no porão quanto no sótão foram encontrados recipientes de vidros e materiais em metal.

Apesar de a arquitetura histórica ser um tema de grande relevância investigativa, as pesquisas em Arqueologia Histórica desenvolvidas no Vale do Taquari debruçaram-se com maior intensidade na compreensão dos processos de descarte de resíduos sólidos materializados nos sítios arqueológicos. Esse tema parte da premissa do impacto ambiental, mas também se articula com aspectos do convívio social de comunidades regionais do século XIX e XX. Foram investigadas lixeiras domésticas residenciais urbanas, lixeiras comerciais, lixeiras rurais, porões, sótãos e cozinhas externas. Para a interpretação das práticas de descarte dos séculos XIX e XX considerou-se as especificidades particulares de cada grupo, mas não se desviou o olhar da construção da modernidade brasileira associada à internacionalização do capitalismo (TOCCHETTO, 2004).

172

Segundo Machado et al. (2013), os porões das residências, espaços semelhantes aos sótãos, destacam-se como áreas propícias para a prática do descarte. Não raro esses espaços eram utilizados para acondicionar objetos que já não faziam parte da rotina doméstica das donas de casa e dos outros moradores da residência. Dessa forma, os porões revelaram-se como excelentes espaços para o descarte, pois ficavam fora do ambiente de convívio cotidiano. Nas residências coloniais do Vale do Taquari a maior parte do material identificado nos porões está associada a atividades de alimentação, higiene e lazer. Devitte et al. (2014) ressaltam que os pátios e entornos das estruturas de habitação também demonstravam-se propícios para a formação de áreas de descarte.

Além do uso para descarte, foi possível notar que os porões e sótãos também representavam espaços para o armazenamento de materiais, especialmente em áreas de forte colonização açoriana, italiana e alemã. Essa prática é indicativa de uma relação existente entre alguns países da Europa Ocidental e territórios de imigração de contingentes populacionais, onde se observou que os imigrantes utilizavam os sótãos não apenas como locais de descarte, mas também como lugar de memória, servindo para guardar pertences de avós e bisavós, como roupas e louças – essas em especial –, assim como papéis e documentos (DEVITTE et al., 2014).

Nas zonas rurais, principalmente no interior do Rio Grande do Sul, os grupos sociais não possuíam grande poder aquisitivo, e, portanto, descartavam poucas coisas. Apesar disso, nas prospecções arqueológicas identificaram-se algumas casas que possuíam área para o descarte de objetos quebrados ou em processo de desuso. Os relatos orais informam a prática de descarte de resíduos orgânicos para o aproveitamento na alimentação diária de animais domésticos. Já nas casas comerciais, o descarte em sótãos e porões dava-se principalmente com relação a objetos que eram comercializados, como louças, fragmentos de instrumentos agrícolas de metal, vidros de remédio, recipientes vidro de veneno para a agricultura, pesticidas para ‘pragas da lavoura’ e até remédios para o tratamento de vermes em animais (MACHADO et al., 2013).

CONCLUSÃO

A intenção desse estudo foi apresentar de forma sintética alguns dos resultados das pesquisas arqueológicas realizadas no Vale do Taquari. Foram executados levantamentos de sítios arqueológicos em áreas novas e a verificação de sítios arqueológicos já cadastrados, a fim de se compreender os limites de ocupação pré-colonial na região, áreas preferenciais, índice de reocupação colonial das antigas aldeias indígenas e fatores de preservação. Escavações arqueológicas foram efetuadas para se obter dados mais específicos sobre as áreas de atividades, cultura material, alimentação animal, vegetal e práticas sociais. Os resultados obtidos têm demonstrado contribuição não apenas para o contexto geral da Arqueologia brasileira, mas também para um novo direcionamento da memória histórica regional, uma vez que as ocupações indígenas encontram-se esquecidas, não raramente, nos escritos memorialistas regionais.

Os resultados têm indicado que a ocupação regional foi de âmbito intenso desde os dois últimos milênios, constatados por datações radiocarbônicas nos Jê Meridionais e Guarani, assim como pela densidade de cultura material evidenciada na região. Ressalta-se que as áreas que receberam maiores adensamentos populacionais concentravam-se nas proximidades de recursos hídricos e, atualmente, grande parte dos sítios arqueológicos encontra-se em áreas de cultivo agrícola.

Os levantamentos arqueológicos demonstraram que as ocupações pré-coloniais na região do Vale do Taquari apresentaram predições territoriais e ambientais. Verificou-se a preferência de ocupação da porção intermediária e sul por populações Guarani, onde se verificam a presença de Floresta Estacional Decidual e Semidecidual, planícies de inundação e áreas de menores altitudes; e, em paralelo, as áreas de maior altitude da metade norte, recobertas por Floresta Ombrófila Mista, apresentam vestígios arqueológicos relacionados a populações Jê Meridionais. Os caçadores e coletores parecem ter circulado por espaços diversos do Vale do Taquari.

A chegada do elemento colonizador na região, representada pelas primeiras passagens jesuíticas e bandeirantes durante o século XVII e posterior chegada de africanos e imigrantes açorianos, alemães e italianos, inauguraram uma nova configuração histórica e ambiental para a região. A paisagem foi ressignificada com a introdução de cultivos alimentares de outros continentes, assim como com a construção de uma nova arquitetura regional. Áreas indígenas foram tomadas para a fixação de fazendas, construção de casarões coloniais e organização de pequenos lotes de terra.

Embora a história do Vale do Taquari tenha recebido um novo sentido com as pesquisas arqueológicas desenvolvidas, muitos temas ainda necessitam de destaque em futuras pesquisas. Assim como o entendimento referente ao contato entre populações Jê Meridionais e Guarani apresenta-se como uma questão pouco

compreendida, o ponto de intersecção entre os indígenas e os colonizadores europeus e africanos insere-se como um assunto de grande relevância regional. Acredita-se que os processos históricos de desocupação e desapropriação indígena não ocorreram de maneira simples e linear, apresentando-se como um contraponto à imagem de que as terras do Vale do Taquari estavam desabitadas quando da chegada dos novos habitantes.

Além dos prováveis embates étnicos, Correa e Bublitz (2006) ressaltam que quando os imigrantes europeus adentraram nas florestas sulistas não estavam diante de matas intocadas ou virgens, uma vez que a paisagem já apresentava marcas antrópicas das populações pré-coloniais. Sabe-se, entretanto, que a colonização iniciou uma nova etapa de modificações paisagísticas. Nesse caso, mais drásticas e rápidas. Entende-se que, embora as florestas fossem vistas como uma criação divina para os colonos, sua derrubada era justificada não apenas por imperativos econômicos, mas pela orientação religiosa dos colonos, aos quais caberia a ‘domesticação’ da natureza, ou melhor, sua transformação em um jardim edênico. Dessa forma, a apropriação da paisagem regional, tanto pelos indígenas quanto pelo elemento colonizador, faz-se também como um importante tema a ser perseguido pelas pesquisas arqueológicas ainda em andamento no Vale do Taquari.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACEITUNO, F. J.; LALINDE, V. Residuos de almidones y el uso de plantas durante el Holoceno Medio en el Cauca Medio (Colombia). *Caldasia*, 33 (1), p.1-20, 2011.

ARAÚJO, A. G. M. A tradição cerâmica Itararé-Taquara: características, área de ocorrência e algumas hipóteses sobre a expansão dos grupos Jê no sudeste do Brasil. *Revista de Arqueologia*, n. 20, p. 09-38, 2007.

BEBER, M. V. O sistema de assentamento das Tradições Taquara-Itararé. 2004. 289 f. Tese (Doutorado em História),– Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2004.

BEUREN, J.; SECCHI, M. I.; JASPER, A.; WOLF, S.; MACHADO, N. T. G. Análise de carvão vegetal macroscópico em porções do sítio arqueológico RS-T-101, Marques de Souza/Rio Grande do Sul, Brasil. *Caderno de Pesquisa, Série Biologia*, 24 (3), p. 24-37, 2012.

BINFORD, L. Em busca do passado. Lisboa: Publicações Europa-América, 1983.

BONOMO, M.; ACEITUNO, F. J.; POLITIS, G. G.; POCHETTINO, M. L.; Pre-Hispanic horticulture in the Paraná Delta (Argentina): archaeological and historical evidence. *World Archaeology*, 43 (4), p. 554-575, 2011.

BONOMO, M.; ANGRIZANI, R. C.; APOLINAIRE, E.; NOELLI, F. S.; A model for the Guaraní expansion in the La Plata Basin and littoral zone of southern Brazil. *Quaternary International*, v. 356, p. 54-73, 2015.

BROCHADO, J. J. P. *An ecological model of the spread of pottery and agriculture into Eastern South America*. 1984. Tese (Doutorado), University of Illinois, Urbana-Champaign, 1984.

BROCHADO, J. J. P.; MONTICELLI, G. Regras práticas na reconstrução gráfica das vasilhas de cerâmica guarani a partir dos fragmentos. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 107-118, 1994.

CABRAL, M. P. *Sobre coisas, lugares e pessoas: uma prática interpretativa na arqueologia de caçadores coletores do Sul do Brasil*. 2005. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

CARLE, M. *Investigação arqueológica em Rio Grande: Uma proposta da ocupação Guarani pré-histórica no Rio Grande do Sul*. 2002. Dissertação. (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

CASCON, L. M. *Alimentação na Floresta Tropical: Um estudo de caso no sítio Hatahara, Amazônia Central, com base em Microvestígios Botânicos*. 2010. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Museu Nacional do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

CHMYZ, I. *Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica*. Curitiba: CEPA/UFPR, 1966.

CHRISTILLINO, C. L. *Estranhos em seu próprio chão: o processo de apropriações e expropriações de terras na província de São Pedro do Rio Grande do Sul (O Vale do Taquari no período de 1840-1889)*. 2004. 374 f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2004.

COPÉ, S. M. *Les grands constructeurs precoloniaux du plateau de sud du Bresil: etude de paysages archeologiques a Bom Jesus, Rio Grande do Sul, Bresil*. 2006. 382 f. Thèse ([Doctorat Archéologie](#)), Université Panthéon-Sorbonne, Paris, 2006.

COPÉ, S. M.; SALDANHA, J. D.; CABRAL, M. P. Contribuições para a pré-história do Planalto: estudo da variabilidade de sítios arqueológicos de Pinhal da Serra, RS. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, n. 58, p. 121-139, 2002.

CORREA, S. M.; BUBLITZ, J. *Terra de promessa: uma introdução à Eco-história da colonização europeia no Rio Grande do Sul*. Santa Cruz do Sul: Edunisc/Passo Fundo: UPF, 2006.

CORTELETTI, R. *Patrimônio arqueológico de Caxias do Sul*. 1. ed. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

_____. *Projeto Arqueológico Alto Canoas - Paraca: um estudo da presença Jê no planalto catarinense*. 2012. 342 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

COSTA, L.A.; GARCINDO, L.B.; MORATO, L.; MELLO, C.L.; WITOVISK, L.; BIANCHINI, G. F.; SCHEEL-YBERT, R. Depósito coluvial tecnogênico com restos de frutos de *Syagrus* sp., na região de Bananal. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOMORFOLOGIA, 7, 2008, Belo Horizonte, **Anais...** Belo Horizonte, 2008.

DEVITTE, N. *As marcas de uso em instrumentos líticos por grupos Proto-Jê Meridionais: um estudo traceológico na Bacia Hidrográfica do Rio Forqueta/RS*. 2014, 81 f. Monografia (Graduação em História) – Centro Universitário Univates, Lajeado, 2014.

DEVITTE, N.; MACHADO, N. T. G.; JASPER, A. Arqueologia e História Ambiental no Vale do Taquari: práticas de descarte de resíduos sólidos no contexto dos séculos XIX e XX. In: PEREIRA, E. M.; RÜCKERT, F. Q.; MACHADO, N. T. G. *História ambiental no Rio Grande do Sul*. Lajeado: Editora da Univates, 2014.

DIAS, A. S. *Sistemas de assentamento e estilo tecnológico: uma proposta interpretativa para a ocupação pré-colonial do alto vale do rio dos Sinos, Rio Grande do Sul*. 2003. 401 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

DIAS, A. S.; HOELTZ, S. E. Indústrias líticas em contexto: o problema Humaitá na Arqueologia Sul brasileira. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, v. 23, p. 40-67, 2010.

DIAS, A. S.; JACOBUS, A. L. The antiquity of the peopling of southern Brazil. *Current Research in the Pleistocene*, 18, p. 17-19, 2001.

DICKAU, R.; BRUNO, M. C.; IRIARTE, J.; PRÜMERS, H.; BETANCOURT, C. J.; HOLST, I.; MAYLE, F. E. Diversity of cultivars and other plant resources used at habitation sites in the Llanos de Mojos, Beni, Bolivia: evidence from macrobotanical remains, starch grains, and phytoliths. *Journal of Archaeological Science*, p. 1-14, 2011.

FIGENBAUM, J. *Os artesãos da pré-história do Vale do Taquari e sua cultura material*. 2006. 102 f. Monografia (Graduação em História) – Centro Universitário Univates, Lajeado, 2006.

FIGENBAUM, J. *Um assentamento Tupiguarani no Vale do Taquari/RS*. 2009. 221 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2009.

GOOGLE Earth. Disponível em: <<https://www.google.com/earth/>>. Acesso em 10 jan. 2017.

IRIARTE, J.; COPÉ, M.S.; FRADLEY, M.; LOCKHART, J.; GILLAM, C. Sacred landscapes of the southern Brazilian highlands: Understanding southern proto-Jê mound and enclosure complexes. *Journal of Antropological Archaeology*, 32, p.74-96, 2013.

IRIARTE, J. DICKAU, R. Las culturas del maíz? Arqueobotánica de las sociedades hidráulicas de las Tierras Bajas Sudamericanas. *Amazônica*, 4 (1), p. 30-58, 2012.

JUSTUS, J. de O.; MACHADO, M. L. de A.; FRANCO, M. do S. M. *Geomorfologia*. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Folha SH. 22 Porto Alegre e parte das folhas SH. 21 Uruguaiana e SI. 22 Lagoa Mirim: geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação, uso potencial da terra. Rio de Janeiro: IBGE, 1986. p. 313-404. (Levantamento de Recursos Naturais, 33).

KRIEGEL, R. K.; AZEVEDO, E. O.; SILVA, F. F. Relação do grupo indígena Guarani

Mybiá com o meio ambiente: alicerces da Agroecologia. *Revista em Agronegócios e Meio Ambiente*, v. 7, n. 1, p. 211-226, 2014.

KREUTZ, M. R. *O contexto ambiental e as primeiras ocupações humanas no Vale do Taquari*. 2008. 150 f. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) – Centro Universitário Univates, Lajeado, 2008.

_____. *Movimentações de populações Guarani, séculos XIII ao XVIII – Bacia Hidrográfica do Rio Taquari, Rio Grande do Sul*. 2015. 330 f. Tese (Doutorado em Ambiente e Desenvolvimento) - Centro Universitário Univates, Lajeado, 2015.

KREUTZ, M. R.; SANTOS, P. dos; MACHADO, N. G.; LAROQUE, L. F. Colonização Guarani nas Planícies do Taquari, Rio Grande do Sul, Brasil. *Tellus*, Campo Grande, v. 14, n. 27, p. 33-66, jul-dez, 2014.

KREUTZ, M. R.; SCHNEIDER, P.; SCHNEIDER, F.; MACHADO, N. T. G. *Arroio do Meio: entre rios e povos*. Lajeado: Editora da Univates, 2011.

KÜHN, F. *Breve história do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2007.

MACHADO, A. *Avançar, adaptar e permanecer: a tradição tupiguarani no médio Rio das Antas*. 2008. 213 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale dos Sinos, São Leopoldo, 2008.

MACHADO, N. T. G.; MILDNER, S. E. S. Prospecções arqueológicas e físico-químicas no sítio RS T 100: estruturas em San Valentin – Ilópolis-RS. In: MILDNER, S. E. S. (Org.) *Anais do I Colóquio sobre sítios construídos: casas subterrâneas*. Santa Maria: Pallotti, 2005.

MACHADO, N. T. G.; SCHNEIDER, P.; SCHNEIDER, F. Análise parcial sobre a cerâmica arqueológica do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul. *Cerâmica*, São Paulo, n. 54, 2008.

MACHADO, N. T. G.; JASPER, A.; KREUTZ, M. R.; FERNANDES, D.; GHENO, D. Aspectos arqueo-históricos de áreas de descarte dos resíduos sólidos domésticos no Vale do Taquari, Rio Grande do Sul, Brasil. In: *Práticas ambientais e redes sociais em resíduos sólidos domésticos: um estudo interdisciplinar*. Org. MAZZARINO, J. M., Lajeado: Ed. da Univates, 2013.

MILHEIRA, R. G. *Território e estratégia de assentamento Guarani na planície Sudoeste da Lagoa dos Patos e Serra do Sudeste – RS*. 2008. 224 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

NOELLI, F. S. *Sem Tekohá não há Tekó: em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de domínio no delta do Rio Jacuí-RS*. 1993. 367 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

_____. La distribución geográfica de las evidencias arqueológicas Guarani. *Revista de Índias*, Madrid, v. 64, 2004.

POLITIS, G. Um caso de estudo etnoarqueológico: la formación de sitios de cazadores-recolectores em las tierras bajas sudamericanas. In: COIROLO, A.; BRACCO-BOKSAR, R. (Eds.) *Arqueologia de las Tierras Bajas*. Montivideo: Ministerio de Educación y Cultural/Comisión de Arqueología, p. 427-449, 1996.

PROUS, A. *Arqueologia brasileira*. Brasília: Editora UNB, 1992.

RELLY, E.; MACHADO, N. T.; SCHNEIDER, P. *Do Taiaçuapé a Colinas*. Lajeado: Editora da UNIVATES, 2008.

RIBEIRO, P. A. M. *Arqueologia do Vale do Rio Pardo, Rio Grande do Sul, Brasil*. 1990. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1990.

RIBEIRO, P. A. M.; SILVEIRA, I. Sítios arqueológicos da Tradição Taquara, Fase Erveiras, no Vale do Rio Pardo, RS, Brasil. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul, n.8, p. 3-79, 1979.

ROGGE, J. H. *Adaptação na floresta subtropical: a Tradição Tupiguarani no Médio Rio Jacuí e no Rio Pardo*. *Pesquisas, Documentos* 6, São Leopoldo, p. 3-156, 1996.

_____. *Fenômenos de fronteira: um estudo das situações de contato entre os portadores das tradições cerâmicas pré-históricas no Rio Grande do Sul*. 2004. 241 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2004.

ROGGE, J. H.; SCHMITZ, P. I. Pesquisas arqueológicas em São Marcos, RS. *Pesquisas, Antropologia*, n. 67. São Leopoldo, p. 23-132, 2009.

ROSA, A. O.; MACHADO, N. T. G.; FIEGENBAUM, J. Aspectos da Subsistência Guarani com Enfoque ao Estudo Zoológico de uma Ocupação no Vale do Taquari, Rio Grande do Sul. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos*, n. 11, São Leopoldo, p. 135- 148, 2009.

ROSA, L. W. *Variabilidade gráfica da cerâmica pintada Guarani nos sítios RS-T-101 e RS-T-114*. 2014. 75 f. Monografia (Graduação em História) – Centro Universitário Univates, 2014.

SALDANHA, J. D. M. *Paisagem, lugares e cultura material: uma Arqueologia Espacial das Terras Altas do Sul do Brasil*. 2005. Dissertação. (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SANTO, M. F. E. Fundamentos da incorporação do Rio Grande do Sul ao Brasil e ao espaço português. In: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson (coord.). *Colônia*. Passo Fundo: Méritos, 2006.

SCATAMACCHIA, M. C. M. *A Tradição Policrômica no Leste da América do Sul evidenciada pela ocupação Guarani e Tupinambá: fontes arqueológicas e etnohistóricas*. 1990. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

SCHMIDT, E. O. *Avaliação antracológica de fragmentos de Charcoal em poções do sítio arqueológico RS-T-114: um estudo multidisciplinar para a determinação de histórico ambiental*. 2010. 89 f. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) - Centro Universitário Univates, Lajeado, 2010.

SCHMITZ, P. I. As Tradições ceramistas do Planalto Sul-Brasileiro. *Documentos 02*. São Leopoldo, p. 75-130, 1988.

SCHMITZ, P. I. O mundo da caça, da pesca e da coleta. *Documentos 05*, São Leopoldo, p. 7-29, 1991.

SCHMITZ, P. I.; BECKER, I. I. B. Os primitivos engenheiros do planalto e suas estruturas subterrâneas: a Tradição Taquara. *Documentos 05*. São Leopoldo, p.67-105, 1991.

SCHMITZ, P.I.; NOVASCO, R.V. Pequena história Jê Meridional através do mapeamento dos sítios datados. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, v.70, p. 35-41, 2013.

SCHMITZ, P. I.; ROGGE, J. H.; NOVASCO, R.V.; MERGEN, N. M.; FERRASSO, S. Rincão dos Albinos um grande sítio Jê Meridional. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, v.70, p. 65-132, 2013.

SCHMITZ, P. I. ARTUSI, L. JACOBUS, A. L. GAZZANEO, M. ROGGE, J. H. MARTIN, H. E. BAUMHARDT, G. Uma aldeia Tupiguarani: Projeto Candelária, RS. *Documentos 04*. São Leopoldo, 1990.

SCHNEIDER, F. *Interpretação do espaço Guarani: um estudo de caso no sul da Bacia Hidrográfica do Rio Forqueta, Rio Grande do Sul, Brasil*. 2014. 220 f. Dissertação

(Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) – Centro Universitário Univates, Lajeado, 2014.

SCHNEIDER, F.; CORTELETTI, R.; MACHADO, N. T. G.; STÜLP, S. Arqueobotânica Guarani: a presença de grãos de amido, fitólitos e endocarpos carbonizados no sítio RS-T-114, Bacia do Rio Forqueta, Rio Grande do Sul, Brasil. In: CONGRESSO NACIONAL DE ARQUEOLOGIA - Facultad de Ciencias Naturales e Instituto Miguel Lillo de la Universidad Nacional de Tucumán, 19, 2016, San Miguel de Tucumán, **Anais...** San Miguel de Tucumán, 2016.

SCHNEIDER, F.; WOLF, S.; KREUTZ, M. R.; MACHADO, N. T. G. Tempo e espaço Guarani: um estudo acerca da ocupação, cronologia e dinâmica de movimentação pré-colonial na Bacia do Rio Taquari/Antas, Rio Grande do Sul, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 12, n. 1, p. 31-56, 2017.

SCHNEIDER, P. *Cozer, guardar e servir: a cultura material do cotidiano no sítio Pré-colonial RS T 101 – Marques de Souza/RS*. 2008. 70 f. Monografia (Graduação em História) - Centro Universitário Univates, Lajeado, 2008.

SCHNEIDER, P.; MACHADO, N. T. G.; WOLF, S.; KREUTZ, M. R.; FIEGENBAUM, J. Arqueologia do Arroio Marrecas – Caxias do Sul, RS. *Cadernos do LEPAARQ*, v. 11, nº 22, p. 82-98, 2014.

SECCHI, M. I. *Avaliação antracológica em sítios pré-coloniais da História Ambiental da Bacia Hidrográfica do Rio Forqueta, Rio Grande do Sul*. 2012. 83 f. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) - Centro Universitário Univates, Lajeado, 2012.

SOARES, K. P.; LONGHI, S. J.; NETO, L. W.; ASSIS, L. C. Palmeiras (Arecaceae) no Rio Grande do Sul, Brasil Palms (Arecaceae) from Rio Grande do Sul, Brazil. *Rodriguésia*, 65(1), p. 113-139, 2014.

DE SOUZA, J. G.; CORTELETTI, R.; ROBINSON, M.; IRIARTE, J. The genesis of monuments: Resisting outsiders in the contested landscapes of southern Brazil. *Journal of Anthropological Archaeology*, v. 41, p. 196-212, 2016.

TEIXEIRA, M. B.; COURA NETO, A. B.; PASTORE, U.; RANGEL FILHO, A. L. R. Vegetação: as regiões fitoecológicas, sua natureza e seus recursos econômicos. *Estudo fitogeográfico*. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Folha SH. 22 Porto Alegre e parte das folhas SH. 21 Uruguaiana e SI. 22 Lagoa Mirim: geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação, uso potencial da terra. Rio de Janeiro: IBGE, 1986. p. 541-632. (Levantamento de Recursos Naturais, 33).

TEIXEIRA-SANTOS, I. *Resíduos alimentares, infecções parasitárias e evidência do uso de plantas medicinais em grupos pré-históricos das Américas*. 2010. 119 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2010.

TOCCHETTO, F. *Fica dentro ou joga fora: sobre práticas cotidianas em unidades domésticas na Porto Alegre oitocentista*. 2004. Tese. (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2004.

WOLF, S. *Paisagens e sistemas de assentamento: um estudo sobre a ocupação humana pré-colonial na Bacia Hidrográfica do Rio Forqueta/RS*. 2012. 187 f. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) - Centro Universitário Univates, Lajeado, 2012.

WOLF, S.; MACHADO, N. T. G.; OLIVEIRA, J. L. *Arqueologia Regional entre o Forqueta e o Guaporé: o contexto de ocupação Jê Pré-colonial no centro/nordeste do Estado do Rio Grande do Sul*. *Cadernos do LEPAARQ*. Pelotas, vol. XIII, nº.26, p.171-196, 2016.